Convivência Democrática

Inclusão e exclusão social

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário Especial de Direitos Humanos
Paulo de Tarso Vannuchi

Secretária de Educação Básica - SEB/MEC
Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva

Presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE/MEC
Daniel da Silva Balaban

Diretora de Políticas de Ensino Médio - DPEM/SEB/MEC
Lucia Helena Lodi

Coordenação do Projeto
Lucia Helena Lodi

Equipe Técnica - DPEM/SEB/MEC
Maria Marismene Gonzaga

Organização
FAFE –
Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP)

Consultores
Ulisses F. Araújo e Valéria Amorim Arantes

Equipe de elaboração
Ulisses F. Araújo,Valéria Amorim Arantes, Ana Maria Klein e Eliane Cândida Pereira

Revisão
Maria Helena Pereira Dias, Ana Lucia Santos (preparação)

Coordenação de Arte
Ricardo Postacchini

Diagramação
Camila Fiorenza Crispino

Tiragem 40 mil exemplares

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, sala 500
CEP: 70.047-900 - Brasília - DF
Tel. (61) 2104-8177/2104-8010
http://www.mec.gov.br

Dados Internacionais de Catalagoção na Publicação (CIP)

Programa Ética e Cidadania : construindo valores na escola e na sociedade : inclusão e exclusão social / organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP) , equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 4 v.

Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado
Conteúdo: Inclusão e exclusão social – módulo 1: Ética – módulo 2: Convivência Democrática – módulo 3: Direitos Humanos – módulo 4: Inclusão Social
ISBN 978-85-98171-73-9

1. Ética. 2. Cidadania. 3. Direitos humanos. 4. Inclusão social. 5. Violência na escola. 6. Relações sociais na escola. 7. Igualdade de oportunidades. I. Fundação de Apoio à Faculdade de Educação. II. Araújo, Ulisses F. III. Brasil. Secretaria de Educação Básica.

CDU 37.014.53

Convivência Democrática

Módulo 2

Inclusão e exclusão social

Sumário

Introdução

Inclusão e exclusão social

A convivência democrática na escola supõe diálogo, ação cooperativa e participação ativa de toda a comunidade escolar, na busca por soluções e encaminhamentos para os conflitos cotidianos e a construção de valores de ética e de cidadania.

O maior impedimento que as escolas enfrentam para atingir esses objetivos, nos dias de hoje, é a violência que permeia seu cotidiano, em suas diferentes formas de manifestação. De acordo com Flávia Schilling, na apresentação de seu livro *A sociedade da insegurança e a violência na escola* (Moderna, 2004, p.8), "aparentemente estaríamos vivendo um momento histórico em que encaramos a face violenta da sociedade, com seus preconceitos de classe, de raça, com sua violência estrutural.[...] Verifica-se a existência de conflitos coletivos, sociais, familiares que resultam em respostas violentas. Há um esforço para quebrar o silêncio que envolve essas questões que não são mais vistas como da vida privada ou secreta, e sim como questões políticas ou públicas."

Aprender a lidar com as diferenças, na perspectiva de uma sociedade que se pretende democrática e inclusiva e que traz para os espaços políticos e públicos tal preocupação, é o desafio que ronda o imaginário dos(as) profissionais da educação preocupados com a construção de uma escola de qualidade, que cumpra com seus objetivos de formação da cidadania e de preparação dos estudantes para a vida em sociedade.

O convívio com a diversidade humana e com as diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais, ideológicas e de gênero, ao mesmo tempo em que gera conflitos, pode servir de matéria prima para a construção da convivência democrática. Nessas relações, nos deparamos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. Os conflitos tornam-se, portanto, a matéria prima para nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social.

É nessa perspectiva que elaboramos este módulo de "Convivência Democrática" do *Programa Ética e Cidadania*. Debater a violência epidêmica que ronda a sociedade e a escola, buscando compreender seus significados e sentidos; mostrar de forma positiva a diversidade humana e apresentar uma experiência em que a cultura e o lazer, incorporados no cotidiano escolar como matéria prima para a construção do convívio democrático entre as pessoas, são idéias fundamentais para a estrutura do material presente nas próximas páginas.

Seu estudo e o desenvolvimento de projetos, em reuniões do Fórum Escolar de Ética e de Cidadania e nas salas de aula das escolas participantes, devem contribuir para a melhoria das relações interpessoais entre os membros da comunidade escolar e para a inclusão daqueles que são excluídos pela violência social.

Convivência Democrática

A violência na escola

Inclusão e exclusão social

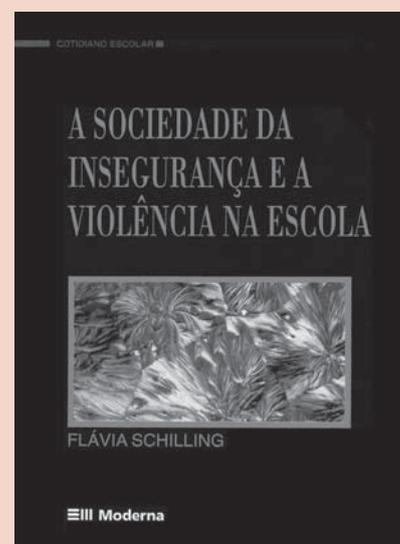
O texto apresentado a seguir trata da violência que está na escola, chamando atenção para a multidimensionalidade e complexidade desse fenômeno. De autoria de Flávia Schilling, o excerto retirado do livro *A sociedade da insegurança e a violência na escola* traz algumas definições do termo e incita-nos a pensar sobre os diferentes tipos de violência que refletem a violência na escola contemporânea: a violência do desemprego, da corrupção, da fome, das paixões, do preconceito, do racismo, da discriminação, entre outros.

As propostas de atividades apresentadas a seguir estão pautadas em estratégias de resolução de conflitos, para se detectar as várias dimensões da violência física e psíquica. Acreditamos que tais estratégias podem ser um caminho profícuo para incrementar o diálogo e a participação coletiva em decisões e acordos participativos, aumentando a compreensão, o respeito e a construção de ações coordenadas que considerem as diferenças.

SCHILLING, Flávia. *A sociedade da insegurança e a violência na escola*. São Paulo: Moderna, 2004. p.33-43.

A violência é multidimensional

Uma pergunta que sempre faço quando me pedem para falar sobre violência é: "De que violência vocês querem que eu fale? Da violência das paixões? Da violência que acontece na família – contra a mulher, a criança, o idoso, o portador de 'necessidades especiais', contra aquele(a) que tem uma orientação sexual diferente? Da violência do desemprego, da fome, da falta de acesso e de oportunidades, da falta de justiça? Da violência das instituições? Da violência das escolas, das prisões, da polícia? Da violência da corrupção? Da violência do preconceito, do racismo, da discriminação, dos crimes do ódio, entre tribos, entre aqueles que se juntam e consideram o outro um inimigo a ser aniquilado? Da violência da criminalidade?".De que tipo de violência falamos quando falamos em violência? Esta é a primeira pergunta a ser feita.

Um exemplo dessa multidimensionalidade do objeto pode ser encontrada nas coletâneas que existem sobre o tema. Examinando o sumário de uma coletânea recente

e de excelente qualidade, publicada pela Fundação Seade do Estado de São Paulo[1], encontramos os seguintes temas: violência e crime no Brasil da redemocratização; novos processos sociais e violência; ética política e mal-estar na sociedade; desigualdade e limites do governo das leis; corrupção e violência; violência nas prisões; imagem e violência; cultura da violência na cidade; a fratria do rap na periferia; políticas públicas de segurança e a questão policial; o custo da violência; exclusão territorial e violência; homicídios em São Paulo; o massacre de Eldorado de Carajás; violência na família: "já se mete a colher em briga de marido e mulher"[2]

Há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos e acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica). A exigir respostas diferentes. De diferentes dimensões – macro e micro –, que se relacionam entre si de maneiras peculiares. Em todos os casos, há agressores específicos e há vítimas.

Há vítimas em todos esses casos. Chamamos a atenção para a fraca presença de trabalhos sobre as vítimas da violência urbana. Há um acervo de experiências e estudos sobre crianças, jovens e mulheres vítimas da violência doméstica; violência sexual e maus-tratos; há uma preocupação com a criação de políticas públicas de atendimento, ainda que insuficientes e não integradas na ação escolar. Insuficientes, inclusive, por não considerarem que, além da vítima direta, há vítimas indiretas nessas situações. Não contamos, no entanto, com trabalhos sobre a problemática da criança, do jovem e do adulto em contato direto com a morte violenta e com a violência característica da criminalidade urbana, com a vitimização direta ou indireta por ela produzida. São ações necessárias que oferecem condições para que o sofrimento psíquico possa encontrar alívio e o circuito da violência possa ser rompido em seu mecanismo mais delicado: aquele que é produzido silenciosamente no interior das vítimas. Há, também, de fato, poucos trabalhos sobre os agressores. Quem são realmente? Quais foram as experiências que os levaram ao crime?[3] Há, portanto, um círculo de silêncio em torno dos protagonistas das violências. Eles são falados por especialistas, por criminólogos, por psiquiatras. Não falam. Não têm voz própria[4].

Além da vitimização direta, há um tipo de vitimização difusa ou coletiva que nos afeta a todos. Não somos mais os mesmos após os relatos da mídia, que cotidianamente nos apresenta o horror dos crimes urbanos, das imagens das guerras internacionais. Vamos sendo construídos como subjetividades atemorizadas.

Vê-se a multidimensionalidade e a complexidade desse conceito, dessa palavra que se abre, expande-se em muitas direções. Se o objeto é complexo, fica claro que não daremos conta dele de modo simplista. As respostas ao desafio de encarar a nossa violência também precisam ser complexas e dar conta dessas múltiplas dimensões. Essas violências, além disso, dialogam de maneiras diferentes e peculiares entre si. Urge ver e reparar, superar a "opacidade".

Violência: definições possíveis

Segundo Yves Michaud (1989), a violência introduz o desregramento e o caos num mundo estável e regular. Nessa afirmação ainda se fala da violência num sentido bem geral. Podemos estar pensando na violência do vento, da tempestade, do mar, de urna paixão, na violência da guerra ou do crime. A violência, nesse primeiro momento, está

associada a uma força que em si não é nem boa nem má: é uma força que foi além dos limites e que escapou das previsões, é uma força que provocou uma ruptura em um mundo considerado "estável e regular". Mesmo dizendo que não há discurso nem saber universal sobre a questão, Michaud propõe uma definição que é apropriada para nossa sociedade e para outras do mesmo tipo: *(...) há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, seja* em *sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais* (1989, p.13).

Nessa definição, Michaud introduz a violência social, a violência entre as pessoas de uma sociedade. Propõe uma definição ampla. A violência é compreendida além da violência física (a violência em si) e é vista como psicológica ou moral, como danos à pessoa ou à sua extensão – família, vizinhança, bens. Nesse caso, a discriminação, por exemplo, é uma violência. Atinge a integridade moral de uma pessoa, afeta sua participação simbólica e cultural na sociedade[5].

Marilena Chauí (1999) contrapõe violência e ética. Diz: *(...) violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém* e *caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo* e *pelo terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos.*

Essa definição é ampla e moderna: incorpora como violência, indo além da violência física, a violência psíquica contra alguém. Ações que comportam humilhação, vergonha, discriminação, são consideradas hoje condutas violentas. Além da violência interpessoal ou intersubjetiva, incorpora a violência social, supondo toda a dimensão estrutural da violência, própria da sociedade: podemos, portanto, falar da violência da ameaça do desemprego ou do próprio desemprego, da violência da fome e da miséria, da exclusão. Propõe que existe violência quando tratamos sujeitos, seres livres, racionais e sensíveis, como coisas.

Essas definições de violência dialogam com a compreensão de quais são os direitos humanos das populações. Os direitos humanos são um conjunto de direitos civis, politicos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Assim, as violações dos direitos humanos individuais ou coletivos são vistas, progressivamente, como dimensões da violência.

A violência tem história - A história da violência

Lidamos com a quebra de um mito, ou, segundo Marilena Chauí (1996/1997, p.120), de um preconceito muito brasileiro, que nos informa que somos não-violentos, pacíficos e ordeiros por natureza. Esse seria, para a autora, um dos preconceitos profundos da nossa sociedade: *Um dos preconceitos mais arraigados em nossa sociedade é de que "o povo brasileiro é pacifico e não-violento por natureza", preconceito cuja origem é antiqüíssima, datando da época da descoberta da América, quando os descobridores julgavam haver encontrado o Paraíso Terrestre e descreveram as novas terras como primavera eterna e habitadas por homens e mulheres em estado de inocência. É dessa "Visão do Paraíso" que provém a imagem do Brasil como "país abençoado por Deus" e do povo brasileiro como cordial, generoso, pacífico, sem preconceitos de classe, raça e credo. Diante dessa imagem, como encarar a violência real existente no país? Exatamente não a encarando, mas absorvendo-a no preconceito da não-violência.*

Questiona-se uma visão de história que conta um encontro feliz entre raças, com uma colonização benigna, que nos diz que vivemos em um país sem guerras ou revoluções

sangrentas, sem tufões, ciclones, terremotos, "bonito por natureza". Os direitos, mais do que conquistados, teriam sido dádivas de governantes benevolentes. A Independência, a República, a Abolição da Escravidão, a conquista dos direitos sociais, tornam-se, nessa visão, fatos que devemos à atuação de alguns homens visionários. Aparentemente foram "concedidos". Ficam guardadas – nos porões da memória coletiva – as lutas. Viveríamos em um país que se pensa, então, como avesso ao conflito. Um país que se pensa sob a ótica do consenso. Aqui, conflito vira sinônimo de violência. Brasil: horror aos conflitos! Talvez essa seja uma das razões para a nossa pequena adesão à democracia. Pois a democracia se caracteriza por sua capacidade de lidar com o dissenso: mais do que o consenso, a possibilidade de lidar de forma não violenta e mortal com o dissenso é o que diferencia a democracia de outras formas de governo.

Percorrendo rapidamente outros escritos sobre a história brasileira, não podemos deixar de destacar o clássico de Maria Sylvia de Carvalho Franco, *Homens livres na ordem escravocrata.* Nesse livro, a autora nos conta sobre o mundo dos homens livres tendo como *presença ausente o* escravo. Diz que, ao escravo, *esteve ligado não só* o *destino de seus proprietários, como também a sorte dos homens livres e pobres* (1983, p. 9). No capítulo "0 código do sertão", a autora relata casos de homicídio em pequenas comunidades no século XIX. Comenta: *(...) de uma perspectiva racional, na quase totalidade dos casos examinados, será inevitável constatar uma desproporção entre os motivos imediatos que configuraram um determinado contexto de relações e seu curso violento* (...) *Os fatos" acima relatados indicam que os ajustes violentos não são esporádicos, nem relacionados a situações cujo caráter excepcional ou ligação expressa a valores altamente prezados os sancione. Pelo contrário, eles aparecem associados a circunstâncias banais, imersas na corrente do cotidiano* (1983, pp. 24-5). A violência permeia as relações de vizinhança, de cooperação, familiares: (...) *essa violência atravessa toda a organização social, surgindo nos setores menos regulamentados da vida, como as relações lúdicas,* e *projetando-se até a codificação dos valores fundamentais da cultura* (1983, p. 25).

A violência tem história e esta se expressa em continuidades (a permanência, por exemplo, dessa, na resolução de conflitos entre vizinhos, na família, com suas conseqüências fatais) e em rupturas (atos que não eram vistos como violentos começam a ser percebidos como tal).

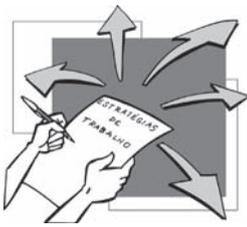
Um exemplo deste segundo caso é a história da violência contra a mulher. Durante muito tempo, considerou-se a ação violenta de um marido contra uma mulher uma atitude disciplinadora, muito semelhante à praticada com as crianças. Há o ditado que reflete essa mentalidade: "Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher". Hoje, refletindo as transformações das relações de poder na família, formalizadas no novo Código Civil, luta -se pela criminalização da violência doméstica. Há instituições governamentais criadas para receber as denúncias das mulheres vítimas de violência: delegacias da mulher e casas-abrigo. Há organizações não-governamentais (ONGs) que desenvolvem trabalhos de suporte. Essa é uma violência que era "invisível", não vista como tal. Foi a mudança nas relações sociais, a presença do movimento feminista, das organizações de apoio que apontou seu caráter violento.

Notas

[1] VÁRIOS, Violência e mal-estar na sociedade. *A violência disseminada. São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação Seade*, v. 13, nº 3, jul./set. 1999; out./dez. 1999.

[2] SAFIOTI, Heleieth. “Já se mete a colher em briga de marido e mulher”. *A violência disseminada. São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação Seade*, v.13, nº4, out/dez. 1999.
[3] Já citamos o filme de Michael Moore, *Bowling for Columbine* (*Tiros em Columbine,* 2003); e há sobre o mesmo caso *Elefante* (*Elefant*, 2003, dirigido por Gus Van Sant). Chamo a atenção para o filme *Morte Densa*, de Kiko Goifman, de 2003, um excelente documentário com pessoas que mataram uma vez.
[4] Gostaria de mencionar iniciativas governamentais existentes em várias cidades do Brasil. Destaco o Centro de Referência e Apoio à Vítima, em São Paulo, primeiro centro a oferecer atendimento a vítimas indiretas da violência urbana, especificamente crimes fatais.
[5] Chamamos a atenção para o estudo de ELIAS, Norbert. Os estalecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zaher, 2000.

Referências

CHAUÍ, Marilena. Senso Comum e transparência. In: *O Preconceito*. São Paulo, Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial, 1996/1997.
_____________. Uma ideologia perversa. *Folha de S. Paulo,* 14 mar. 1999, Caderno Mais, 5-3.
MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo, Ática, 1989.

Sugestões de estratégias de trabalho

△ Na reunião do Fórum:

"De que tipo de violência falamos quando falamos da violência nas escolas?". A pergunta lançada pela autora Flávia Schilling, logo no início de seu texto, parece-nos um bom ponto de partida para as discussões a serem promovidas no âmbito do Fórum Escolar de Ética e C idadania.

Sugerimos que após a leitura do excerto e uma breve discussão sobre possíveis respostas para a pergunta acima, disponibilize-se aos participantes uma cópia do conflito que se segue:

Priscila estava na fila da cantina havia pelo menos dez minutos, de olhos espichados para um grupo animado de meninos e meninas que conversavam e riam no cantinho debaixo da escada, próximo à sala da coordenadora.

— "Puxa vida!" — pensou — "esta fila bem que podia andar mais depressa".

A vontade de estar com amigos nesses minutos do intervalo, que passavam tão rápido, era enorme. Daqui a pouco o sinal iria tocar e estaria de novo assistindo às aulas.

— "Acho que vou desistir!".

Porém, o vazio no estômago lembrou-lhe que a fome era muita, e que seria difícil depois agüentar até a hora do almoço.

Foi neste momento que Carolina e sua amiga Raquel chegaram à cantina, junto com outras colegas de sua turma. Animadíssimas com a festa que estavam organizando para a classe, tinham pressa em voltar para a reunião do grupo que decidia sobre todos os preparativos necessários.

Chegaram falando alto, abrindo espaço entre os alunos que estavam aguardando sua vez. Em pouco tempo a fila estava a maior confusão. Foi quando as duas aproveitaram

para empurrar Priscila para fora da fila e tomar o seu lugar. Quando a menina quis protestar, dizendo que já estava esperando por sua vez havia um tempo enorme, foram logo ameaçando:
— Sai fora, babaca!

— Mas isto não é justo, eu fiquei até agora esperando a minha vez... — tentou reagir Priscila.

Carolina, aproximando-se muito dela, disse baixinho, num tom ameaçador:

— Se você não der o fora daqui rápido, as coisas podem ficar piores para você!

— Priscila olhou em volta para ver se alguém tinha presenciado a cena toda. Mas todos estavam envolvidos com suas atividades.

Terminada a leitura, sugerimos que o grupo seja dividido em pequenos subgrupos. São várias as possibilidades de discussão desse conflito. Cada subgrupo pode identificar e analisar os diferentes tipos de violência presentes ao longo da situação, as possíveis causas e conseqüências dos fatos, os sentimentos e pensamentos de cada um dos protagonistas, comentar como as relações mudam ao longo do conflito, etc. Independentemente da direção tomada nas discussões, é importante pedir que cada grupo apresente, ao final, uma proposta de resolução para o conflito em questão.

Nesse momento da discussão, é importante garantir que apareçam as diferentes possibilidades de resolução ou encaminhamento do caso, considerando as perspectivas de todas as protagonistas e também o papel da escola e dos professores em situações como essa.

Em especial, sugerimos que a discussão seja trazida para a realidade da escola, quando os subgrupos poderão citar e comentar situações semelhantes que ocorrem na instituição escolar e no seu entorno. Dentre os temas correlatos que podem ser discutidos, sugerimos:

- Os diferentes tipos de violência presentes no cotidiano de sua escola.
- Os diversos sentimentos possivelmente vivenciados pelas pessoas que promovem e sofrem atos de violência, como: vergonha, humilhação, medo, insegurança, poder, etc.
- As possíveis ações que estudantes, docentes, direção e famílias podem adotar no enfrentamento dessas situações.

É importante que, após as exposições, as possíveis soluções para os conflitos de violência sejam comentadas, analisadas e avaliadas no tocante à viabilidade de sua implantação na escola. Nesse trabalho, devem ser considerados os prós e contras de cada proposta, tendo como referência princípios de democracia e justiça. Isso porque devem ser evitadas soluções autoritárias, excludentes, que possam gerar mais violência dentro da escola.

O registro escrito, principalmente das possíveis ações sugeridas para os diferentes membros da comunidade escolar, é importante para a sistematização de um futuro planejamento de projetos que visem a enfrentar o tema da violência na escola.

Outro aspecto que pode ser considerado é a introdução de valores contrapostos aos citados nos casos concretos de violência na escola. Por exemplo, ao egoísmo de algum aluno, apontar o papel da solidariedade e de trabalhos que levem à construção de vínculos coletivos; em situações de humilhação, trazer possibilidades de reforço da auto-estima de pessoas que sofrem constantes humilhações. E assim por diante.

Para finalizar esta reunião do Fórum Escolar de Ética e de Cidadania, sugerimos que aquelas situações geradoras de violências físicas e psíquicas, citadas como freqüentes na sua escola, sejam escolhidas para nortear o desenvolvimento de projetos no âmbito das salas de aula.

△ **Nas salas de aula:**

Para ilustrar uma proposta de trabalho nas salas de aula, a partir de metodologias de resolução de conflitos, escolhemos como tema a discriminação da mulher. A construção de relações pautadas em princípios de igualdade entre homens e mulheres é fundamental para o convívio democrático.

Novamente, o caminho sugerido é o de desenvolvimento de projetos que possam envolver o maior número possível de turmas, além de professores e pessoas da comunidade.

Nas turmas que vão participar do projeto, pode-se trazer o mesmo conflito trabalhado na reunião do Fórum, tomando cuidado para mudar os personagens. Por exemplo, Carolina pode passar a ser Marcos, um menino da escola. As discussões podem, também, seguir o caminho apontado anteriormente.

Pode-se, também, construir um novo conflito a partir de alguma situação real que algum estudante da classe trouxer. Para isso, pede-se que descrevam, por escrito, um conflito de

violência de gênero de que tenham conhecimento. Aqueles que quiserem ler seu texto para a turma, voluntariamente, podem fazê-lo. A turma escolhe, então, o conflito que considera mais próximo da realidade cotidiana das pessoas daquela escola.

Como sugerido para a reunião do Fórum, após a escolha do conflito a turma pode ser dividida em grupos; cada grupo pode identificar e analisar os diferentes tipos de violência presentes ao longo da situação, as possíveis causas e conseqüências dos fatos, os sentimentos e pensamentos de cada um(a) dos(as) protagonistas, comentar como as relações mudam ao longo dele, etc. De novo, é importante pedir que cada grupo apresente, ao final, uma proposta de resolução para o problema em questão.

Um estudo sobre essa temática, no bairro, pode ser um excelente caminho para se conhecer a dimensão do problema junto à comunidade e para se conhecer a percepção das pessoas sobre a violência. Tomando cuidados éticos de preservação da identidade das pessoas, os estudantes podem, em grupos, elaborar um instrumento de entrevista com perguntas fechadas e aplicá-lo em mulheres, em residências, supermercados, postos de saúde, pontos de ônibus, etc. O questionário pode ser preenchido pelas pessoas e colocado em uma urna, de forma a evitar a identificação.

As perguntas podem ser do tipo:

Você já sofreu algum tipo de violência por parte de homens? Sim______ Não_____

Que tipo de violência sofreu? ____

Como o caso foi solucionado (se foi): _____________________________________

Dos casos abaixo, quais você considera violência contra as mulheres?

(   ) Marido não deixa a esposa trabalhar
(   ) A mulher trabalha fora e quando volta para casa tem de cuidar sozinha dos afazeres domésticos
(   ) A mulher é constantemente chamada de burra ou de incapaz pelo companheiro

O próximo passo deve ser o de propor um estudo multidisciplinar que aponte causas, o quadro atual e as conseqüências da violência de gênero. São inúmeras as possibilidades de

trabalho, dependendo dos professores envolvidos no projeto: estudos sobre a história da mulher no ocidente, nos países orientais e em diferentes culturas; estudos sobre as diferenças de remuneração entre homens e mulheres, envolvendo cálculos matemáticos, teorias sociais e econômicas na sua interpretação; as diferenças biológicas e bioquímicas entre homens e mulheres e seu papel na construção da desigualdade nas relações de gênero.

Esses e outros temas, caso sejam escolhidos pelo Fórum Escolar de Ética e de Cidadania, podem pautar os projetos da escola, na busca de um convívio social mais democrático. Se o tema escolhido for outro, no entanto, a mesma proposta metodológica, com eventuais adaptações, pode ser utilizada.

Convivência Democrática

Diversidade e convivência democrática

Inclusão e exclusão social

Neste módulo, propomos a exibição do documentário *We Belong – Uma celebração da diversidade* para trabalhar diferentes valores e princípios que devem nortear a convivência democrática entre as pessoas. Os espectadores poderão ver, ouvir e se emocionar com pessoas de lugares e trajetórias completamente diferentes que acabam se encontrando num mesmo lugar, pela mesma razão: o desejo de construir um mundo mais justo e igualitário.

A seguir, as informações técnicas do referido documentário:

We Belong - Uma Celebração da Diversidade

Gênero: Documentário
Diretor: Sérgio Sá Leitão
Ano: 2003
Duração: 26 min
Cor: Colorido
País: Brasil.

Ficha Técnica

Produção: Paulo Rubens Fonseca, Júlia Mariano, Sérgio Kahn. **Fotografia:** Sérgio Sá Leitão. **Roteiro:** Sérgio Sá Leitão. **Edição:** Fernanda Rondon. **Trilha original:** Paulo Vivácqua. **Produção Executiva:** Luís Vidal. **Videografismo:** Marcus Moraes.

Sites onde o filme pode ser encontrado

http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=1481
www.mec.gov.br/seb

Sugestões de estratégias de trabalho

Após assistirem ao filme *We Belong - Uma celebração da diversidade*, o(a)s professores(as) podem propor aos estudantes que organizem uma festa cultural, aberta a toda a comunidade escolar e não-escolar. O mote dessa festa deve ser a valorização das mais diferentes expressões de diversidade cultural presentes na escola e nos bairros onde vivem os estudantes e suas famílias.

Na sua preparação, a direção da escola, em parceria com o Fórum Escolar de Ética e Cidadania, deve montar uma equipe composta de professores e estudantes para organizar o evento. Essa equipe poderá definir alguns parâmetros para a festa e o foco cultural que deverá ser privilegiado, como forma de não dispersar os interesses do grupo.

Dessa maneira, a festa cultural poderá abrigar as mais diferentes formas de expressão, como a música, a culinária, a poesia, o artesanato; mas centrar-se em manifestações que representem diferentes culturas do Brasil e, eventualmente, de outros países.

O projeto será desenvolvido principalmente pelos estudantes, que farão a divulgação e prospecção dos talentos e habilidades culturais de seus pais, avós, parentes e vizinhos. Os estudantes repassarão à comissão organizadora do evento fichas de inscrição, preenchidas com dados básicos sobre a atividade a ser desenvolvida durante a festa. A comissão cuidará de montar a programação e garantir a infra-estrutura necessária para que todas as atividades ocorram a contento.

Performances públicas, oficinas que ensinem a preparação de pratos típicos de diferentes regiões e/ou países, sessões de poesia, música e dança, exibição de filmes e outras possibilidades definidas pela escola, podem fazer parte da programação do evento.

Se a escola tiver acesso a uma filmadora, uma equipe pode registrar o evento, no mesmo molde que o filme *We Belong - Uma Celebração da Diversidade*. O filme produzido na escola pode servir como ponto de partida para outros projetos inter e multidisciplinares na escola, que promovam o respeito pela diversidade cultural e o convívio democrático entre as pessoas.

O relato de experiência apresentado a seguir também traz idéias interessantes que podem ser incorporadas no desenvolvimento das ações de uma festa cultural em sua escola.

Convivência Democrática

Atividades de cultura e lazer como alternativa para a comunidade

Inclusão e exclusão social

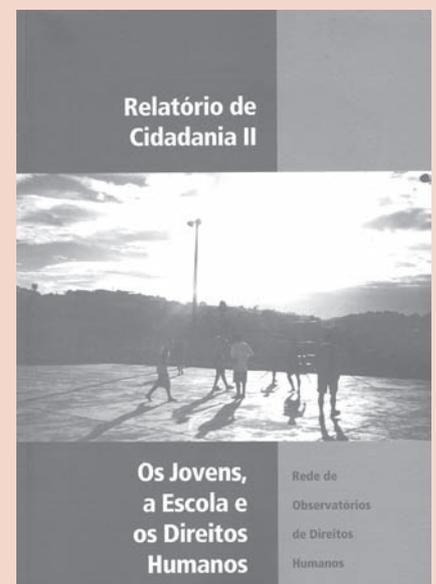
A seguir, apresentamos relatos que cumprem uma dupla finalidade: por um lado, advertir-nos sobre os limites e/ou restrições de espaços disponíveis para atividades recreativas ou culturais para a comunidade, e por outro lado, sinalizar algumas possibilidades para transformar a instituição escolar em espaços de cultura e lazer.

Ressaltamos que não se trata de a escola conceder seu espaço físico para a realização de eventos, mas promover ações que integrem a escola com a comunidade. Nesse sentido, os eventos a serem promovidos pela instituição escolar podem, além de oferecer divertimento e distração para seus participantes, cumprir uma função da maior relevância para a formação ética e moral das futuras gerações: criar espaços para a livre expressão de talentos e habilidades e ao mesmo tempo promover o conhecimento e respeito pelas diferentes manifestações culturais.

Projeto Rede de Observatórios de Direitos Humanos – Fase II. *Os jovens, a escola e os Direitos Humanos.* pp. 80-97.

1- O uso do espaço da escola como alternativa para a comunidade

Nas quatro comunidades observadas, a escola foi muito mencionada como um possível espaço de cultura e lazer. Na opinião de muitos entrevistados, a infra-estrutura da escola, como quadras, pátios, salas e bibliotecas, poderia ser utilizada, fora dos períodos regulares de aulas para atividades culturais e de lazer que atendessem, não apenas aos alunos daquela escola, mas também aos demais moradores da comunidade.

A quase totalidade dos que defendem essa idéia, incluindo aí professores e diretores, a justificavam dizendo que, na região em que moram, são muito poucos os espaços que podiam ser utilizados para cultura e lazer e que a escola tinha a melhor infra-estrutura disponível na região. Como na pesquisa feita para o primeiro Relatório, várias pessoas se queixaram das dificuldades que tinham para encontrar espaço adequado para o lazer ou a cultura na região onde moram. Vejamos alguns depoimentos:

No bairro onde moro e nos vizinhos, não existem muitos espaços de cultura e lazer. Tem os bares onde os jovens e os mais velhos jogam sinuca, bebem e conversam e há o campo de futebol. Uma vez por ano tem um parquinho que faz uma temporada e depois vai embora. (relato de uma aluna)

Eu acho que cultura e lazer não têm muito em nosso bairro, porque as únicas coisas que existem são poucas. Temos aulas de teatro, mas são muito poucas. Tirando o campo de futebol e a represa, não se tem muita coisa para se aproveitar. Geralmente, o pessoal se reúne em frente ao salão de cabelereiro para conversar. (relato de uma ex-aluna)

Eu gosto, nas horas vagas, de ficar em frente da minha casa, à noite, conversando com os amigos. Às vezes, a gente vai à sorveteria que tem no bairro e fica lá conversando até tarde. Quando não é isso, vou à represa. Nos domingos à tarde, quando está calor, vou ao campo de futebol que tem numa chácara, aqui mesmo, ver o time do meu namorado jogar bola e à noite namoro. Aqui no meu bairro, só tem isso. De vez em quando uma festa. (relato de aluna)

Esses relatos, além de apontar que são muito poucos os locais disponíveis para atividades recreativas ou culturais, também não mencionam nenhum espaço que foi criado ou que seja mantido pelo poder público com a finalidade exclusiva de promover o direito à cultura e ao lazer nessas comunidades.

[...]

Quando quero me divertir mesmo, vou ao SESC, danceterias e ao Parque do Ibirapuera, que ficam todos bem distantes de onde eu moro. (relato de aluna)

Nos relatos acima, ambos destacaram que quando queriam ter acesso a outras possibilidades de cultura e lazer tinham de se deslocar para locais bastante distantes de onde moravam. Como nesses depoimentos, nas quatro comunidades, foi destacado que os espaços públicos mais bem servidos de recursos e que oferecem mais atrativos para o lazer e a cultura, estão todos muito distantes dos bairros observados.

Alguns entrevistados lembraram ainda que a distância não era a única dificuldade para se freqüentar um bom espaço de cultura e lazer. Os gastos que envolviam essas atividades também foram apontados como outro problema. Além dos gastos com o transporte, na maioria das vezes quatro conduções (duas para ir e duas para voltar), alguns desses locais são privados e cobram pela entrada. Em um dos relatos, uma entrevistada expressou essa dificuldade da seguinte forma:

É legal ir ao cinema, exposições ou poder comprar um livro, mas falta dinheiro para fazer isso sempre. O nosso bairro não tem muitas opções de cultura. Os cinemas, teatros e exposições são bem longe daqui e quando queremos ir a um desses locais, precisamos tomar ônibus. (relato de morador)

Além de a condição econômica da maioria dos moradores já ser bastante precária, o problema da distância e do ingresso dificulta ainda mais a participação em atividades culturais e de lazer: uma entrada para uma peça de teatro, ou para uma sessão de cinema, somada ao transporte de ida e volta, pesam muito no orçamento da maior parte dos moradores dessas comunidades.

Com tantas restrições, a escola acaba surgindo como uma das poucas alternativas viáveis para o jovem. Isso porque, por um lado, (como veremos no item seguinte), a escola é capaz de transportar seus alunos até eventos culturais, negociar entradas com baixo custo, reduzindo as barreiras financeiras para o acesso à cultura e ao lazer e, por outro lado, porque o espaço físico da própria escola oferece boas condições para a prática de inúmeras atividades tanto recreativas como culturais.

Como já foi dito, a demanda mais presente entre os jovens entrevistados, sejam eles alunos ou não, é a de que a escola abra suas portas para que, fora do período de aulas, seus espaços sejam utilizados. Já foi relatado no texto sobre violência como muitas diretorias tentam fechar a escola numa tentativa de garantir a segurança e a conservação da escola. Geralmente, uma medida ineficaz que acaba fazendo com que alguns jovens pulem os muros e façam uso do espaço sem qualquer acompanhamento (aumentando os danos ao espaço).

Amparados nas justificativas já descritas, quase todos os jovens entrevistados, quando perguntados sobre qual papel tinha a escola no oferecimento de cultura e lazer, citaram a importância da abertura do espaço físico escolar para a comunidade. Vejamos a opinião de uma aluna:

> *A escola pode ser um espaço de cultura e lazer sim, pois as quadras de algumas escolas ficam abertas para quem quiser ir usá-las nos finais de semana.* (entrevista com uma aluna)

O surgimento de projetos de abertura das escolas nos finais de semana, tal como o ***Parceiros do Futuro*** foi bastante elogiado pelos jovens entrevistados, e tem sido por eles utilizado como um importante argumento para pressionar as escolas que resistem em abrir suas portas. Geralmente, a proposta é disponibilizar a quadra ou o pátio do colégio para a prática de esportes; ocorrem também aulas de dança, de teatro, artes plásticas, música, capoeira entre outros.

Aquelas direções que conseguem realizar uma abertura organizada de suas escolas podem, inclusive, se beneficiar a partir dessa relação com a comunidade. Ao sentirem que têm o espaço disponível, os moradores passam a ter maior cuidado e interesse na preservação da escola. Uma diretora relatou que esperava conseguir o apoio dos pais na recuperação da quadra:

> *Eu acho que as condições de cultura e lazer aqui no bairro são muito precárias e que muito ainda pode ser feito. Eu acho que, às vezes, falta empenho de todos, até da escola. Tem uns pais que utilizam a quadra nos finais de semana e um deles estava reclamando comigo que a quadra está muito ruim. Eu disse a eles que eu posso consertar a quadra, mas eles têm que me ajudar. Eu entro com o dinheiro e eles com a mão de obra.* (relato de diretora)

A colaboração na manutenção do espaço escolar é sempre positiva e recomendada, Entretanto, ela só é positiva quando é o resultado de uma decisão comum entre a escola, os alunos e seus pais. Os casos em que a escola condiciona o uso de seu espaço a partir do pagamento de uma taxa foram muito criticados pelos jovens e pelos pais entrevistados, pois afastam algumas famílias do local.

Assim, a mera passagem do controle do local para um grupo, o uso do local condicionado a taxas ou ainda a falta de critérios claros para a utilização também podem ter resultados negativos. Vejamos o relato de mais um caso:

Há alguns anos atrás, uma das melhores quadras da região foi palco de atritos entre grupos que praticavam dois tipos distintos de esporte, futebol e basquete. Os boleiros se achavam os donos da quadra porque eles se encarregavam da limpeza e da manutenção dela. O pessoal do basquete sempre era interrompido e forçado a sair da quadra quando a galera do futebol chegava, daí a rivalidade entre os dois grupos.

Numa noite de sábado, um grupo de pichadores invadiu a quadra e pichou o chão, os muros, quebrou os alambrados e as traves. Na manhã de domingo, quando os boleiros chegaram e viram a quadra naquele estado, imaginaram que os culpados seriam a turma do basquete e, para revidar, quebraram os aros das tabelas de basquete. Na semana seguinte, os boleiros se reuniram e reformaram só a parte que dizia respeito ao futsal e a direção da escola arrumou as tabelas de basquete.

A rivalidade entre os dois grupos continuou, até que um dia, os caras do basquete resolveram ir jogar em outro lugar, mas quando saíram levaram junto com eles as tabelas de basquete!

O problema entre o pessoal do basquete e do futebol acabou, mas os pichadores continuaram zoando a quadra, que hoje acabou se transformando em uma das piores da região. (relato de aluno)

A abertura da escola precisa, necessariamente, ser acompanhada de uma discussão entre aqueles que têm interesse em usar o espaço. No caso acima, a ausência de um critério acabou criando a idéia de que um grupo é "dono" do espaço e, ao invés dos diferentes interessados entrarem em acordo e colaborarem na manutenção da quadra, cada um luta para afastar outro, sem qualquer mediação da escola.

Somente a abertura pura e simples do espaço não resolve a questão. Para que isso ocorra, de forma a atender aos interesses da maioria dos moradores, é preciso que essa abertura respeite alguns critérios de utilização: se existem grupos mais interessados ou organizados para ocupá-la, é preciso que eles garantam que vão respeitar outros moradores que, eventualmente, também tenham interesse em utilizar a escola. No relato, os grupos de futebol e basquete ainda se equivalem em força. A situação torna-se muito mais complicada quando existem diferenças de idade ou de gênero – as meninas e as crianças são geralmente mais prejudicadas no uso das quadras, por exemplo.

Nessa abertura sem diálogo, como nos casos relatados dos alunos que intimidam a escola, a omissão da direção acaba colaborando para que se instale a lei do mais forte. Esse tipo de problema é utilizado como argumento por professores e diretores que são contra a entrada de não-alunos na escola:

Uma vez eu fui até a quadra com meus alunos e fui ameaçada por alguns meninos que não eram da escola e estavam usando a quadra. Se eles chegam primeiro não podemos usar a quadra. (relato de professora)

Eu chego na quadra e falo que é meu horário de dar aula, às vezes brigo com um e com outro. Só que se for pedir licença, por favor, eles não deixam mesmo usar a quadra. (relato de professor)

Os dois professores acima disseram que é impossível negociar com os jovens o uso do espaço. Quando esse é o ponto de partida para se oferecer o espaço físico da escola, é difícil que o resultado seja positivo. Na fala dos professores e diretores que pensam assim, a abertura parece ser uma derrota para a escola que é obrigada a ceder seu espaço e a assistir a sua destruição.

Entretanto, isso só ocorre quando não existe nenhuma organização ou colaboração da comunidade na abertura da escola. Os grupos que desrespeitam ou depredam o local, evidentemente, não representam o interesse da maioria das pessoas. Logo, se a escola encara a abertura como uma oportunidade para abrir um diálogo com outros moradores e associações comunitárias, são muito menores as chances de que qualquer um se aproprie do lugar de forma prejudicial.

Em um outro caso observado, por exemplo, uma das escolas foi aberta para a realização de festas, entretanto, seus vizinhos fizeram um abaixo-assinado para que as festas terminassem mais cedo por causa do barulho. Como a decisão de abrir tinha sido tomada em conjunto com a comunidade, o encerramento das festas mais cedo foi compreendido e as medidas acatadas.

2 - Atividades de cultura e lazer organizadas pela escola.

Como dissemos, para além da mera concessão do seu espaço físico para que se realizem atividades de lazer ou de cultura, muitos entrevistados lembraram que a própria escola tem o costume de organizar atividades desse tipo ao longo do ano. Um depoimento ilustra os vários exemplos que foram lembrados pelos entrevistados:

> *A escola é um espaço de cultura e lazer porque nas datas comemorativas tem festas, como as festas juninas. Nas festas juninas, nós mesmos organizamos uma quadrilha, em que professores e alunos participam. Tem também a festa do Halloween. Nesta festa todos vêm fantasiados à escola e pagam R$ 1,00 pelo ingresso, que vai ajudar a APM da escola. Há ainda, a feira cultural. Para realizar a feira cultural cada sala escolhe um tema sobre uma cultura para ser trabalhado (danças, histórias e outros) e, no final do trabalho, cada sala de aula faz uma exposição. Tem os campeonatos (de futebol para os meninos e handebol para as meninas), organizados pelos próprios alunos, nas sextas-feiras de maio, e os passeios para o SESC e o Playcenter (...)*
> (relato de aluna)

As atividades mais destacadas, como festas, campeonatos e feiras são muito valorizadas pelos jovens. Os entrevistados que citaram esses eventos são quase sempre alunos ou professores. Para a maioria deles, esses momentos representavam um espaço de integração e de expressão tanto das habilidades diferentes de cada um, como de seus diferentes gostos e interesses. Nesse sentido, como veremos, a maior polêmica passa a ser quanto ao número de participantes permitido nos eventos e, principalmente, se é ou não permitida a entrada e a participação de não-alunos nessas ocasiões.

Festas e Apresentações

Dentre as atividades realizadas pela escola, as festas foram uma das mais destacadas pelos entrevistados. Para alguns, as festas foram consideradas atividades de cultura e lazer por propiciar tanto distração e divertimento como também promover o conhecimento de diferentes manifestações culturais. É o que nos mostram os seguintes depoimentos:

> *A escola já realizou a seguinte atividade de cultura e lazer: promoveu festas onde as pessoas dançavam e se divertiam. Isso, na minha opinião, é cultura e lazer*

porque a música e a dança tanto representam formas de cultura como também trazem momentos de lazer. (relato de aluno)

Nas Festas Juninas as pessoas se divertem. Além disso, é uma atividade cultural, pois vem de muitos anos. (relato de aluno)
(...) uma vez por ano há ainda uma festa que se chama Festa dos Povos, em que cada grupo explica a cultura de um povo e o lazer que eles têm. (relato de aluno)

As Festas Juninas e a Festa das Nações (também conhecida como Festa dos Povos) foram muito lembradas pelos entrevistados. Segundo os jovens, nessas festas, além de divertimento, também se podia aprender sobre as diferentes manifestações culturais de outros povos. Para eles, as festas ofereciam cultura na medida em que celebravam as tradições e o folclore dos diferentes povos. Alguns entrevistados contaram também que, em suas escolas, cada classe ficava responsável por pesquisar os diferentes aspectos de uma determinada cultura (como pratos típicos, danças, histórias e tradições) e, a partir dessas pesquisas, eram feitos os preparativos para a festa.

Essas festas também são muito valorizadas, pois acabam sendo um importante espaço para que todos se conheçam e se integrem às turmas de jovens de toda escola ou até de fora dela. Além disso, a própria organização dos eventos proporciona a aproximação com os professores, algo que também foi muito valorizado pelos alunos:

A maioria dos alunos curte as festas, só uma minoria fica de fora e os professores também participam. (relato de aluno)
Muitos alunos participavam com os professores da organização das festas. (relato de aluno)
Nas festas juninas, nós mesmos organizamos uma quadrilha, em que professores e alunos participam. (relato de aluna)

A participação no planejamento e na organização da festa é sempre ressaltada pelos jovens que se sentem valorizados ao participarem de todo o processo junto com os professores. A partir de eventos como esses, alguns entrevistados perceberam que as relações dentro da sala de aula têm grande melhora.

Professores e alunos citaram também alguns exemplos de participação em atividades culturais quando puderam apresentar suas habilidades:

Já teve uma apresentação de um grupo de pagode, do qual eu fazia parte, apresentação de teatro e outros musicais. (relato de aluno)
Sempre há espetáculos de dramatização, peças, paródias e dublagens. Em uma Semana da Criança já tivemos concurso de dança. Inclusive tem um aluno de quinta série que deu um show. (relato de professor)
Eu às vezes toco na escola, toco cavaquinho. Ano passado teve um concurso de novos talentos, eu participei e fiquei em primeiro lugar. Cantei pagode e ganhei um prêmio. (relato de aluno)

Todos esses exemplos são lembrados como momentos de muita satisfação pelos entrevistados. Tanto os professores, como os alunos parecem se sentir mais próximos e valorizados quando apresentam ou demonstram suas capacidades artísticas. Como

veremos, essas ocasiões não ocorrem apenas nas festas, mas muitos se queixam de que, pelo interesse que despertam entre os integrantes da escola, elas deveriam ser muito mais freqüentes.

Além das apresentações realizadas pelos integrantes da escola, outros entrevistados se lembraram também de apresentações de grupos de fora da escola, tais como conjuntos musicais, grupos de teatro e dança que visitavam o espaço mostrando seu trabalho. Um dos exemplos disso é o trabalho desenvolvido pelo MILCA (Movimento Itapecericano de Luta Contra a AIDS), que possui um grupo de teatro que se apresenta nas escolas de Itapecerica da Serra, abordando temas como juventude, sexualidade, drogas e cotidiano escolar. Outro exemplo, foi contado por uma diretora que promoveu apresentação teatral seguida de debate com um grupo de ex-detentos. Além de despertar interesse entre os alunos, esses eventos são importantes para que se introduzam debates sobre temas da atualidade na escola.

O envolvimento dos alunos parece ser, por sinal, um dado fundamental para o sucesso desses encontros. As festas que são organizadas isoladamente pela direção e professores raramente têm êxito. Como já foi dito no início do texto, são muito diferentes os gostos e os interesses quando tratamos de lazer e cultura. Nesse sentido, quanto maior for o número de alunos envolvidos no planejamento das festas, garantindo que diferentes grupos de jovens dêem suas opiniões, melhores são as chances de que o encontro agrade a maioria.

Como já foi dito, a maior polêmica é sempre sobre o controle da entrada de não-alunos nas festas. São freqüentes as queixas em relação às direções que impedem que não-alunos participem. Ao mesmo tempo, a escola se diz incapaz de atender a um número tão grande de visitantes. Geralmente, as festas promovidas pela escola eram abertas para a comunidade sob a condição de que se pagasse um ingresso que era revertido para a Associação de Pais e Mestres (APM), medida que também foi criticada por jovens que diziam não ter recursos para pagar. Seja qual for o critério de controle para a entrada de pessoas de fora da escola nesses eventos, é fundamental que isso seja discutido e definido com a participação dos alunos.

Semana Cultural

O exemplo mais lembrado pelos alunos de atividade cultural desenvolvida pela escola foi a Semana Cultural. Certamente, o nome contribuiu muito com essa lembrança, mas mesmo assim, muitos justificaram sua lembrança citando exemplos de atividades que desenvolveram nessas ocasiões.

A Semana Cultural é um evento que ocorre todos os anos, durante uma semana, geralmente no mês de outubro. A escola inteira se mobiliza em torno de oficinas, palestras, campeonatos, música, danças, peças de teatro, cursos variados, etc. Em muitas escolas, a Semana Cultural contava com a participação dos alunos em sua organização. Dois jovens detalharam como, na sua escola, era preparada a Semana Cultural:

> *A Semana Cultural no colégio onde eu estudava era assim: os alunos se reuniam e cada grupo fazia uma coisa: uns, comidas típicas de cada região do Brasil, outros contam histórias como lendas do Saci Pererê, Sereia, Curupira etc. A maioria dos meninos gostava de falar sobre a capoeira porque eles jogam. Também têm vários*

> *tipos de músicas, teatros, inclusive eu já participei de uma peça que as meninas da minha sala resolveram fazer sobre o filme Orfeu da Conceição.* (relato de aluna)

> *No colégio onde nós estudamos sempre teve Semana Cultural. Antigamente, não era obrigatório participar, mas os professores começaram a dar pontos positivos para quem participasse. Então grande parte dos alunos começou a realizar as atividades que são: teatro, danças folclóricas, comidas típicas, caracterizar-se de acordo com cada região e gincanas. Nós participamos de quase todas as Semanas Culturais. Era muito bom e todos gostavam. Quem não participava de alguma atividade ia para assistir.* (relato de aluna)

De maneira geral, a Semana Cultural também foi muito elogiada pelos jovens e, alguns deles, a apontaram como aquilo de que mais gostavam na escola. A possibilidade de expressar e trazer para dentro da escola um pouco do que gostam foi novamente muito valorizada por alguns entrevistados. Vejamos mais um relato:

> *Quando estudava, adorava a Semana Cultural porque lá tinha oportunidade de fazer tudo o que queria. Exemplo: eu adoro participar de peças de teatro, dança entre outras coisas. A minha melhor participação na semana cultural foi quando eu escrevi uma peça de teatro, atuei e dirigi ao mesmo tempo. Nossa, foi divertidíssimo! Para falar a verdade, me senti muito importante.* (relato de aluna)

A Semana Cultural foi reconhecida, por alguns entrevistados, como um dos poucos espaços onde os jovens podiam criar e se expressar com total liberdade e ainda tinham seus trabalhos reconhecidos pelos professores e diretores da escola. Como no relato acima, em que a jovem nos dizia que na Semana Cultural *tinha a oportunidade de se fazer tudo o que queria*, outros entrevistados também deram muito destaque à possibilidade que tinham, nessa ocasião, de demonstrar seus talentos e capacidades.

> *A semana cultural é muito importante porque mostra as capacidades dos jovens.* (relato de *aluno)*
> *A Semana Cultural, acho que já diz quase tudo para mim. Além de ser uma atividade cultural é um trabalho onde os alunos podem mostrar seu talento. Nesses eventos a gente aprende e se diverte bastante. (*relato de aluno)

Como ocorre no caso das festas e apresentações, a participação dos jovens na elaboração e organização das atividades da Semana Cultural foi também ressaltada pelos entrevistados como um ponto positivo desses encontros. Outro aspecto lembrado por eles foi que os alunos participam em peso nessas atividades, mesmo quando não são estritamente obrigatórias. Um aluno descreveu assim sua participação:

> *Não vejo as atividades da Semana Cultural como algo obrigatório, acho que a pessoa faz se ela. tiver realmente vontade. Quando tem alguma atividade eu fico muito feliz por estar participando. Afinal, não é todo o dia que tem uma atividade diferente na escola. Na Semana Cultural tem várias oficinas e o aluno pode escolher qual ele quer participar. assim ele não irá fazer isso só para ganhar nota e sim porque ele gosta.* (relato de aluno)

Como no depoimento acima, a liberdade em escolher a atividade e a forma da participação foi destacada e elogiada pela maioria dos entrevistados. Grande parte daqueles que se

envolvem na Semana Cultural diferenciam esse tipo de acontecimento do dia-dia dentro da sala de aula. A sensação de envolvimento e realização é bem maior nas atividades da Semana Cultural, tanto apresentar seu trabalho, como assistir aos trabalhos dos colegas são ações muito mais envolventes.

Apesar de todo esse envolvimento, ou talvez pelo próprio interesse despertado nos alunos, observamos também nesses eventos alguns casos onde ocorrem novamente pontos de atrito entre os jovens e a escola. Se essas semanas abrem espaço para diferentes manifestações, nem todas as direções de escola estão abertas para isso. Vejamos mais um depoimento de aluno:

> *Teve uma Semana Cultural que eu e umas amigas tínhamos que apresentar alguma coisa que representasse a cultura da Bahia, a gente resolveu fazer uma apresentação de Axé. Só que a diretora não deixou, e disse que aquilo não tinha nada a ver com a cultura da Bahia.* (relato de aluna)

Como discutimos na apresentação deste capítulo, a definição do que pode ser considerado como cultura não é simples e, muitas vezes, gera discussões muito polêmicas. Em geral, as Semanas Culturais são vistas como palco de expressão de diferentes manifestações culturais e, como foi dito, todos os anos os alunos se interessam muito em sugerir ou desenvolver performances novas. No entanto, a maior parte dos entrevistados só reconhece como culturais aquelas manifestações ligadas ao folclore nacional e à tradição, essa opinião é muito forte, principalmente entre os professores e diretores. No caso acima, ao impedir que a aluna fizesse uma apresentação de Axé, a diretora explica que ela não tem ligação com a cultura baiana.

Um outro conflito, ocorrido fora da Semana Cultural, gerou muita polêmica e marcou também as atividades de uma escola. A discussão surgiu depois que foi proposto que se grafitasse o muro da escola:

> *Nós chegamos lá e eu fui sozinho falar com a diretora, o muro estava pintado de branco. Aí, como o muro estava pintado de branco, pedi para deixar agente fazer um grafite lá. E ela perguntou que tipo de grafite. Eu falei que era letra de igreja, ela falou que podia fizer. Depois que eu fiz ela foi lá e viu e disse – meu Deus, você falou que era desenho de Igreja, apaga isso por que isso mostra que a escola é ruim e que só tem capetinha. Só que a gente ia fazer um capetinha e um anjinho, só que não deu tempo, ela chegou mandando apagar tudo. Eu falei que não ia apagar e ela me deu 3 dias para tirar, isso foi em 98.* (relato de aluno)

O entrevistado faz parte de um grupo de alunos artistas chamado de Legião, o desenho feito no muro era a figura de um diabo. A irritação da diretora chamou mais atenção para o caso (que até hoje é comentado na escola). Como ela mandou suspender imediatamente o desenho e cobri-lo, ninguém mais quis continuar o grafite e o muro acabou ficando com a marca branca cobrindo o desenho. A falta de clareza sobre o que seria feito no muro e a reação autoritária da direção frustrou a atividade, evidenciando que se a direção não se posicionar com clareza sobre como serão as atividades (sejam grafites, festas ou campeonatos) e sobre quais serão os limites para cada um, o conflito e descontentamento de ambas as partes serão inevitáveis.

Esse tipo de polêmica não ocorre somente na escola. Mas, quanto mais fechadas estiverem as escolas para ouvir as opiniões dos jovens e debater o que se pode fazer no evento pior

será a participação. Alguns alunos já resistem em aceitar manifestações culturais diferentes das que gostam, se a direção reforça esse preconceito a situação torna-se mais difícil. As restrições e definições do que seria cultural, podem afastar os alunos do evento. Nos casos em que a direção só aceita manifestações ligadas ao folclore e impede manifestações diferentes, ligadas a movimentos mais recentes como Hip Hop ou mesmo o Axé, ocorre uma grande frustração e, muitas vezes, a atividade perde o seu sentido, sem a participação dos alunos.

Durante o trabalho, assistimos ao vídeo *Além da Lousa,* preparado por um grupo de jovens com o apoio da **Ação Educativa,** e pudemos verificar iniciativas positivas em diferentes escolas que aceitaram incluir as chamadas culturas juvenis no cotidiano da escola. Tivemos a oportunidade de dialogar com os jovens que participaram do projeto que resultou no filme *Culturas Juvenis* e pudemos perceber que as dificuldades no reconhecimento das iniciativas e propostas dos jovens são semelhantes aos problemas que observamos. No filme, tanto os alunos como os diretores das escolas que se abriram para diferentes manifestações culturais se mostraram satisfeitos com o resultado.

Outro ponto polêmico destacado é que, como ocorre com as festas, a Semana Cultural, de modo geral, desperta grande interesse não apenas entre os alunos, mas também atrai outras pessoas da comunidade. Uma ex-aluna relatou para nós que habitualmente freqüentava as semanas culturais.

> *Costumo ir sempre às festas que acontecem, às vezes, no próprio bairro ou nos bairros vizinhos e quando é época vou para participar da Semana Cultural. (*relato de aluna)

Nesse aspecto, novamente surge o conflito sobre a participação de não-alunos no evento, aquilo que poderia ser um fator de aproximação da escola com seus ex-alunos e com a comunidade vira fonte de preocupação para os diretores. Se, por um lado, como alegam alguns diretores e professores, é complicado abrir completamente a escola e assegurar a organização dos eventos, por outro lado, mantê-las completamente fechados, frustra todos os participantes.

No capítulo anterior, na discussão sobre episódios de violência nas escolas, um dos casos relatados no tópico das revoltas de alunos se referia diretamente à organização de uma semana cultural. A Semana havia atraído muita gente e, no meio de sua realização, a diretora da escola decidiu impedir a entrada de não-alunos provocando grande revolta, aumentada ainda mais pela chegada da polícia no local. Essa situação merece destaque não só pelos graves conflitos que ocorreram, mas sim porque, mais uma vez, demonstra o grande interesse espontâneo provocado pelas atividades culturais oferecidas na escola. Na ocasião, as brigas levaram a escola a suspender o evento e a impedir a entrada da comunidade. Aos poucos, com os protestos dos alunos, a escola voltou a receber outros moradores, só que os eventos passaram a ser policiados.

Mais uma vez, vale a pena reforçar que somente o diálogo prévio com os alunos, para definir como será a entrada para o evento, pode evitar o conflito. E, também como apontado anteriormente, as direções escolares que se mostraram mais preocupadas em evitar contato com a comunidade, por temer a violência, foram as mais marcadas por acontecimentos desse tipo.

Passeios e visitas fora da escola

Outra atividade lembrada pelos alunos são as visitas e os passeios em locais fora da escola como parques, institutos de pesquisa ou teatros. Geralmente, essas atividades são oferecidas para os alunos menores, antes da entrada no ensino médio. Mesmo assim, alguns entrevistados as indicaram. Por sinal, uma das reclamações era a que a escola quase nunca fazia visitas em grupo a outros locais com os alunos mais velhos. Segundo os jovens, as visitas são interessantes por oferecerem acesso a locais geralmente muito distantes ou cujo acesso é dificultado pelos custos, e também porque permitem que se saia da rotina do espaço da escola. Um observador destacou que, além disso, essas atividades podem colaborar com o próprio curso:

> *Aqui na escola, tem muita, gente que não conhece o centro de São Paulo. Tem gente que nunca passou de Santo Amaro e, se passar, se perde. Por isso, a. professora de História poderia levar a gente para conhecer o centro de São Paulo, para mostrar como a cidade começou. Poderia mostrar, por exemplo, o Pátio do Colégio.* (relato de aluno)

No Relatório anterior, o grupo de observadores do Jardim Comercial, no Capão Redondo, destacou no seu relato que os poucos moradores entrevistados que tinham assistido a uma peça de teatro, ou visitado uma exposição, por exemplo, tinham feito isso junto com sua turma de escola. Nesses casos, o apoio da escola no transporte e na negociação do preço da entrada, como já tinha sido apontado antes, parece ser fundamental para possibilitar a atividade que é tão custosa para todos.

Um dos diretores entrevistados alegou que era difícil controlar os alunos maiores fora da escola e que não havia interesse entre os alunos mais velhos nesse tipo de atividade, o que foi contestado pelos jovens. Houve também o relato de visitas promovidas por grêmios estudantis mais fortes (que infelizmente, são muito raros), que negociavam e viabilizavam a atividade paralela para os interessados. Em uma das escolas, novamente alegando questões de segurança, a diretoria impediu que o grêmio realizasse os passeios programados.

Campeonatos e festas organizadas pelo grêmio

Nas escolas onde existem grêmios e onde podem propor atividades, os grêmios não só contribuem nos passeios, nas visitas ou nas festas sugeridas pela direção, como desenvolvem outros eventos de grande interesse dos alunos. Nesse sentido, os exemplos destacados pelos entrevistados foram as festas e os campeonatos esportivos. Um aluno citou os seguintes exemplos:

> *O grêmio da escola faz campeonatos de futebol, vôlei, handebol e às vezes um pagode. Essas atividades são feitas nas sextas-feiras na hora do intervalo e nas duas últimas aulas.* (relato de aluno)

Os campeonatos esportivos, não só os organizados pelos grêmios, também foram apontados como um momento importante de integração e divertimento. Alguns jovens disseram sentir falta de campeonatos entre as escolas. Novamente, diretores e professores também disseram temer organizar esse tipo de atividade externamente (ou até internamente) pelas brigas que podem provocar. Por outro lado, com o apoio do grêmio, o diálogo e a definição sobre o funcionamento desses eventos é geralmente bem mais

simples, assim como sua organização. Mas, como dissemos, são ainda poucas as escolas que têm grêmio ou que permitem que ele participe de fato na definição das atividades.

3 - A sala de aula como um espaço para a cultura e o lazer

Um número menor de entrevistados respondeu que achava que a escola oferecia atividades culturais e de lazer dentro da própria sala de aula. Mas, mesmo entre esses entrevistados, a maioria separava ainda atividades mais envolventes e que dessem prazer (de lazer), das atividades das aulas convencionais, geralmente tidas como desinteressantes. Novamente, as atividades que foram consideradas como culturais eram, na sua maioria, aquelas que tinham ligação com tradições ou com as artes, enquanto as atividades de lazer mais lembradas foram as esportivas, principalmente, a aula de educação física. Vejamos alguns depoimentos:

> *No geral, a escola trata de cultura e lazer quando, através de textos, traz informações dos estados, do "Folclore Nacional, das músicas, das comidas típicas, das linguagens e das lendas.* (relato de aluno)

> *A escola é um espaço de cultura e lazer porque nos ensina coisas sobre nossos antepassados, sobre as diferentes culturas, religiões...* (relato de aluno)

Aqueles que entendiam que a cultura está apenas ligada às tradições, como no caso acima, tendiam a marcar a diferença entre atividades desse tipo e o lazer. Para eles, a cultura estava presente na sala de aula enquanto uma explicação sobre as tradições e costumes de um povo, enquanto o lazer seria algo mais ligado à distração, ao passatempo ou com atividades físicas. Essa opinião não foi encontrada somente entre os alunos, alguns professores também fazem essa divisão, vejamos mais alguns trechos de entrevistas:

> *(...) quando um professor passa uma matéria falando sobre Getúlio Vargas, por exemplo, é um momento de cultura. Um momento de lazer são aqueles proporcionados pela aula de educação artística.* (relato de professor)

> *Realizamos atividades culturais quando passamos uma matéria que traz coisas dos nossos antepassados. Já momentos de lazer, ocorrem quando nos distraímos um pouco.* (relato de professor)

> A *gente só tem lazer quando cabula aula ou quando tem educação física. (relato* de aluno)

> *De lazer fiz educação física e de cultura a aula de português.* (relato de aluno)

> *Eu acho que cultura são os estudos e lazer é a educação física.* (relato de aluno)

Como mostram os trechos acima, houve aulas que foram consideradas mais relacionadas à cultura como, por exemplo, as aulas de História e Português, e outras mais relacionadas ao lazer, como as aulas de Educação Artística e Educação Física. Essa separação talvez contribua com o desinteresse por atividades culturais. Infelizmente, os dois professores entrevistados, reforçaram essa divisão, ligando diretamente as atividades culturais com as tradições e

classificando atividades de lazer como menos sérias e importantes, reforçando, uma sensação de distância e desinteresse dos alunos pelo curso normal ou até pela própria cultura.

Alguns alunos realçam mais ainda essa idéia, separando claramente o estudo da diversão, que para eles seria algo menos sério e importante:

> *Para mim as aulas normais são mais importantes do que as de lazer porque as pessoas não podem ir para a escola só para se divertir.* (relato de aluna)
> *A escola é lugar de estudar e não hora de lazer, pois eu levo às atividades da escola muito a sério.* (relato de aluna)

Mesmo que, como nas falas registradas acima, alguns jovens separem radicalmente o estudo do lazer, na maioria das vezes, quanto mais é enfatizada essa separação, ligando o lazer apenas à distração, ou aos momentos de intervalo, mais forte é a sensação de que as aulas são um espaço fechado e monótono, o último lugar onde se tenha espaço para fazer algo prazeroso.

Além disso, é verdade também que, como foi dito na introdução, quando falamos em lazer pensamos na quebra da rotina, algo dificil de acontecer dentro das salas de aulas. Mesmo assim, os relatos reforçam, acima de tudo, que a diversão jamais ocorre durante a aula. Vejamos mais alguns relatos sobre esse mesmo tema:

> *Lazer... só na hora do intervalo ou quando tem aula vaga, aí a gente se diverte.* (relato de aluno)

> *Atividades de lazer na escola? Só se for nas aulas vagas, quando os alunos se sentem à vontade para bagunçar.* (relato de aluno)

Com essa separação entre a aula e o lazer, ainda quando teoricamente estejam incluídas atividades culturais na sala de aula, isso quase nunca significa um maior envolvimento dos alunos, que não têm espaço para apresentar propostas de atividades diferentes ou para tratar de temas que Ihes pareçam mais atuais.
De outra maneira, os raros exemplos de situações em que os professores conseguiam combinar temas e atividades diferentes, trabalhando com referências artísticas ou jogos, por exemplo, apesar de não serem freqüentes, foram muito elogiados pelos alunos. Abaixo segue um exemplo:

> *Na medida do possível, o professor de História e a de Português dão aulas diferentes, montando textos que envolvem os alunos e assim fica mais fácil de aprender. A professora de Português, por exemplo, trouxe um texto sobre o romantismo que todo mundo gostou e propôs que todos participassem de uma peça, que fosse montada por nós mesmos, que trouxesse o tema que estava sendo estudado.* (relato de aluno)

As aulas com abordagens diferentes sobre os conteúdos, ainda que tenham um conteúdo tradicional, foram multo elogiadas por alunos e professores. Atividades, geralmente desenvolvidas nos cursos de Português e História, como assistir a filmes, discutir músicas, ler poesias ou apresentar trabalhos na forma de peças, poesias, foram destacadas pelos jovens. Segundo os entrevistados, além de quebrar a rotina, elas oferecem mais espaço para a participação. Nesses casos, professores e diretores também reconhecem uma

melhora na relação da turma com o professor, além do aumento no interesse sobre a matéria ensinada.

Uma diretora entrevistada reconheceu que a sala de aula vinha se abrindo cada vez mais para a cultura e o lazer, ao comparar a escola que freqüentou com a escola que dirigia:

> *Sim, reconheço, porque também já fui aluna. No meu tempo, o professor como o centro das atenções, giz e quadro negro, hoje tem aulas interdisciplinares, Ed. Física, família na escola, computação, ocorrem mais discussões e eles* [alunos] *têm oportunidade de conhecer vários lugares.* (relato de diretora)

Mesmo que, como indica a diretora, as escolas estejam mais abertas para novos temas, muitos alunos se queixaram do desinteresse dos professores em propor atividades ou discussões fora dos temas tradicionais. Nesse sentido, outra demanda muito presente também, é a da realização de aulas fora do próprio espaço da sala, seja na própria escola como também visitando lugares fora do bairro (como destacamos no tópico anterior), abordando mais diretamente os problemas vividos na região. Outra demanda, ainda, é que as atividades da aula estejam cada vez mais ligadas às atividades paralelas organizadas pela própria escola, como as festas culturais e feiras destacadas no tópico anterior, mas que por vezes ficam restritas somente à própria semana em que ocorrem.

Alguns professores e diretores justificaram que não desenvolviam atividades diferenciadas, pois os alunos não respeitavam as propostas ou não se envolviam com a seriedade necessária. Por outro lado, a maioria dos entrevistados reconheceu que o envolvimento só acontecia quando as atividades propostas na sala de aula fugiam da rotina e tratavam de temas e aspectos culturais mais próximos dos interesses dos jovens.

A Cultura e o Lazer abrindo os espaços da escola

Indicando que o espaço físico da escola deveria estar mais disponível para a comunidade, valorizando os eventos culturais como um espaço de integração e realização, ou ainda destacando as atividades inovadoras de alguns professores feitas na própria sala de aula, a maioria dos jovens parece apontar que quanto maior for a presença de eventos desse tipo em toda a escola (dentro e fora das aulas), melhores serão as relações entre os jovens, a comunidade e a escola.

Nesse sentido, a discussão quase sempre se volta para a questão da abertura ou não da escola para a participação dos alunos e não-alunos no seu dia-a-dia, novamente trazendo o problema da violência como o maior obstáculo para que isso ocorra. Algumas posturas de diretores e professores, como também vimos na discussão sobre violência, não contribuem em nada com a melhora dessa situação. Vejamos mais três depoimentos:

> *A escola não é aberta para a comunidade, só para os alunos e olha lá. Daí que quando tem atividades na escola a comunidade não está nem aí.* (relato de aluno)
> *Os projetos da escola são voltados para os nossos alunos, mesmo que ele tenha um irmão, se este não for aluno, não tem corno participar.* (relato de diretora)
>
> *A escola é um lugar sagrado, aqui tudo passa pela minha mão e só é aplicado se eu aprovar.* (relato de diretora)

Como indica o primeiro depoimento do aluno, quanto mais a direção sinaliza que não está aberta para a comunidade, menores são suas chances de obter o apoio necessário para realizar suas atividades com segurança. As duas afirmações das diretoras são marcadas por uma postura fechada e centralizadora. Por mais que assumam grande responsabilidade sobre aquilo que ocorre na escola, quando indicam que nada pode acontecer sem antes passar pela mão delas, elas dificultam muito o diálogo na escola, tão importante para garantir que se supere a insegurança.

Uma das observadoras descreveu como foi mudando sua relação com a escola da comunidade em que vive, vale lembrar que essa escola foi construída graças ao esforço e a mobilização dos moradores.

> *Há sete anos eu estudava em uma outra escola que fica aqui no bairro mesmo. A escola era um barraco de madeira e tinha 12 salas. Tinha também uma pequena quadra, mas dava para todos os alunos terem suas aulas de educação física.*
>
> *Naquele tempo, o diretor e a vice-diretora eram superlegais, educados, gentis e sempre estavam prontos para ouvir a comunidade e seus alunos. A escola era limpa e havia alguns caseiros que ficavam no portão, junto com as inspetoras, para atender as pessoas.*
>
> *Apesar de a escola ser um barraco de madeira, sempre tinha eventos para os alunos que também eram abertos para toda comunidade. Tinha festa junina, excursões etc. A diretora era quem organizava tudo e as pessoas da comunidade sempre participavam das festas. Com as excursões também era assim, as pessoas de fora da escola também podiam ir, era muito legal, não aconteciam brigas, era tudo bem calmo e a gente se divertia bastante.*
>
> *Naquela época, eu achava a escola bem melhor porque eu já conhecia todos que a freqüentavam. Eu tinha bastante amizade e a escola era mais unida.*
>
> *Eu estudei lá até a 4ª série do ensino fundamental e saí quando começaram a reformar a escola. Como eu gostava muito daquela escola e já havia me acostumado tanto com todos de lá. não queria estudar em outra escola e quando foi para sair eu até cheguei a chorar.*
> *Depois disso eu vim estudar na escola que estou atualmente e, com o passar do tempo, eu fui me acostumando com a nova escola. O tempo foi passando, a reforma do meu antigo colégio ficou pronta e vi que a convivência nele havia mudado. As amizades do tempo que eu estudava lá não eram mais as mesmas, o colégio, que antes era aberto para comunidade, estava mais fechado e entraram muitas pessoas que moram em outros bairros.*
>
> *Depois da reforma, acho que a escola ficou fisicamente melhor. Ela não é mais de madeira, tem uma quadra maior, tem câmeras em todo lugar e passou a ter quatro andares. Só que, agora, a escola é mais fechada e os eventos não são mais abertos à comunidade.*
>
> *Na minha opinião, não importa se ela está com uma estrutura maior e melhor que antes, acho que o que importa é a comunicação o entrosamento da escola com a comunidade e os alunos. Eu gostava muito de estudar lá porque eu conhecia as*

pessoas que trabalhavam ali, conversava com elas. Todos que ali conviviam eram amigos e tinha mais amizade.

A diretora que está lá hoje não tem mais comunicação com a comunidade e por tudo isso, agora que a escola está reformada. eu não tenho mais vontade de estudar lá.

Hoje em dia eu percebo que a escola não está mais realizando atividades, que envolvam a comunidade, e para mim isso é importante porque a comunidade tem o direito de participar para poder perceber o que se passa dentro da escola e como é a relação da escola com os alunos. Percebo também que as pessoas da comunidade gostariam de participar dos eventos promovidos pela escola e, como não podem, às vezes, ficam revoltadas. (relato de aluna)

O depoimento torna claro que, mesmo com uma melhora das instalações, ficar distante das lideranças comunitárias que apoiaram o surgimento da escola traz para a instituição a perda de sua força original. Quanto mais se isola e se fecha, menos ela se torna capaz de oferecer cultura e lazer.

Muitos indicam que oferecer cultura e lazer nas escolas seria uma forma de ocupar os jovens e, assim, conter a violência. No Relatório anterior, questionamos essa idéia, principalmente apoiados na discussão que tivemos com Helena Abramo. Concluímos que tanto as atividades culturais como as de lazer são direitos das pessoas, abrem espaço para cada um falar ou mostrar um pouco de si, de se realizar com e em seu grupo, e não porque elas *ocupam* a *cabeça* para que ninguém pense em *fazer besteira*.

Mesmo que as escolas ofereçam atividades de cultura ou lazer, seja através de projetos como o **Parceiros do Futuro**, através de festas ou de aulas diferentes, essas atividades só serão bem aproveitadas por todos se houver espaço para que os jovens proponham e participem ativamente de todas elas, reconhecendo e respeitando, nessas discussões, os diferentes estilos e interesses de cada um, tendo suas próprias opiniões consideradas pelos professores e diretores. Tudo isso é muito difícil de acontecer em uma escola que não procure discutir e planejar essas atividades com os alunos: tanto a escola que deixa tudo por conta de quem quiser usar seu espaço, como aquela que exige que a atividade cultural seja só a da dança tradicional, ou ainda a que não aceita a entrada dos amigos dos alunos que queiram assistir aos eventos para evitar problemas.

Ainda assim, com todas as dificuldades que apontamos, quase todos os entrevistados se lembraram de passagens em que puderam desenvolver atividades para eles ligadas com a cultura e o lazer (na maioria dos casos eram as melhores recordações que tinham da escola). Isso indica a importância desse tipo de atividade que, mesmo quando as condições não sejam as mais adequadas, (como acontece nas regiões observadas), de alguma forma as pessoas buscam abrir espaço para suas atividades de lazer ou cultura.

Embora os diversos depoimentos tenham com freqüência separado a educação e o trabalho normal da escola das atividades de cultura e lazer, essas parecem ser sempre fundamentais para todos que freqüentam a escola, tanto pelo envolvimento que provocam entre os grupos de alunos e a própria comunidade, como pelas discussões de novos conteúdos que surgem nesses momentos.